

OPERADORES “DIZER” E “MOSTRAR” NO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN: ENTRE A PALAVRA E O SILÊNCIO

Rosana Similli Pedro (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Max Rogério Vicentini (Orientador). E-mail: mrvicentini@uem.br, Paulo Ricardo Martines (Coorientador). E-mail: prmartines@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Filosofia, Epistemologia

Palavras-chave: Epistemologia; Lógica; Ética.

RESUMO

Esta pesquisa investiga em que medida o conceito de forma lógica, exposto no *Tractatus*, conduz a distinção entre dizer e mostrar, e como essa distinção fundamenta a inefabilidade dos enunciados éticos. Para isso, nos valem do método de revisão bibliográfica, interpretando cartas, conferências e diálogos, de modo a recuperar o percurso argumentativo do filósofo que culminou nas diretrizes do *Tractatus*. Wittgenstein revela em uma carta que, embora sua obra se apresente como um tratado de lógica, seu sentido é ético e só pode ser compreendido se considerarmos especialmente o que suas proposições mostram. Admitida a complementariedade entre os operadores, supomos que havia uma união profunda entre a lógica e a ética. Contudo, é notável que a ética é mencionada explicitamente apenas ao final da obra; por isso, para compor uma interpretação mais acurada, buscamos, em uma conferência sobre ética proferida por Wittgenstein após a publicação do *Tractatus*, uma exposição mais detalhada da ética wittgensteiniana, a fim de estabelecer uma conexão mais clara entre a ética e as proposições sobre a lógica tractariana.

INTRODUÇÃO

Wittgenstein publica o *Tractatus* com um prefácio que apresenta, em síntese, o sentido da obra: “o que se pode, em geral, dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (prefácio). Deixa entrever ao leitor que sua reflexão se manifestará como uma costura que atravessa tanto as coisas que podem ser ditas — que denominamos pelo operador “dizer” — quanto aquelas que não podem ser ditas — que denominamos pelo operador “mostrar”.

Ao adotar a perspectiva de que “dizer” e “mostrar” operam de forma complementar — e não como termos em oposição —, esta pesquisa se posiciona frente a interpretações do *Tractatus* que enfatizam uma separação rígida entre ambos. Leituras tradicionais tendem a tratar o “mostrar” como domínio

absolutamente apartado do “dizer”, circunscrevendo-o ao campo do inefável, do ético e do místico, sem vínculo interno com a estrutura da linguagem. Por outro lado, interpretações como a de Rocha (2015) defendem que essa articulação é fundamental para compreender a ética tractariana como parte da própria lógica da linguagem.

Partindo dessa posição, este trabalho sustenta que a complementaridade entre os operadores permite explicar de forma mais coerente: (i) a presença da ética no *Tractatus*; (ii) a função elucidatória das proposições filosóficas; e (iii) a integração entre forma lógica, representação e silêncio em um mesmo quadro conceitual.

No *Tractatus* é preciso compreender “o que não pode ser dito”, o silêncio, portanto, não como um espaço vazio entre unidades abstratas da linguagem — como, por exemplo, sentenças e proposições —, mas como um silêncio que sugere uma mística, implicado pela concepção de lógica como lei estruturante do mundo, do pensamento e da linguagem simultaneamente, a qual dita os limites do dizer.

A lógica, no *Tractatus*, é concebida como condição de possibilidade da representação e do pensamento; nesse sentido, ela é transcendental (Wittgenstein, 2022, 6.13). Assim, mundo, linguagem e pensamento são instâncias isomórficas por compartilharem o que Wittgenstein denomina “forma lógica”. A forma lógica, em relação ao mundo, revela-se nas possibilidades de combinação entre os objetos, que formam os estados de coisas (Wittgenstein, 2022, 2.01). As possibilidades e impossibilidades estão incorporadas à essência do objeto (Cuter, 2002, p. 91) ou seja, são fixas.

A forma lógica, em relação à linguagem, revela-se nas possibilidades sintáticas de representação desses estados de coisas. Contudo, as proposições representativas não podem ser *descritas*, pois isso envolve dizer sobre a sua forma lógica - que é necessária (não bipolar) - que estrutura o mundo, a linguagem e o pensamento. Uma vez que a forma lógica é condição de possibilidade de toda representação, ela deve ser necessária, e, conforme Cuter, “isso deve ser posto na conta daquilo que a linguagem só pode mostrar” (2002, p. 96).

Além das proposições dotadas de sentido, Wittgenstein distingue outro tipo que, embora não tenham sentido como as descritivas, não são contrassensos: as tautologias e contradições. Elas não descrevem o mundo, pois sua verdade ou falsidade independe de qualquer estado de coisas; nada representam, mas integram o simbolismo lógico (Wittgenstein, 2022, 4.4611). Diferem, assim, dos contrassensos, que violam a sintaxe lógica e se tornam proposicionalmente ilegítimos. O que pode ser dito são apenas proposições representativas, isto é, descrições de estados de coisas. Já a forma lógica, por não ser contingente, mas necessária, não pode ser representada: ela pertence ao domínio do “mostrar”, do silêncio, que revela em ato a estrutura do mundo.

Verifica-se que o estatuto do silêncio também pode ser tomado como uma chave de leitura do *Tractatus*, conforme a carta que Wittgenstein envia a Von Ficker, em 1919, na qual afirma que o objetivo da obra é ético e que só pode ser compreendido pelas coisas que não disse, sendo o ético determinado de dentro para fora da linguagem, como o único modo de tratar dos limites da linguagem e, portanto, do mundo e do pensamento. Essa carta nos leva a suposição de que, embora os enunciados éticos

sejam desprovidos de sentido — por violarem a lógica da linguagem — eles são de grande importância, uma vez que mostram, em ato, os limites do mundo, pensamento e linguagem, bem como a condição existencial do ser humano, em querer ultrapassar tais limites. A suposição pode ser fundamentada a partir de uma conferência em que Wittgenstein afirma que, por intermédio das proposições éticas ou estéticas queremos “ir para além do mundo, e isto quer dizer para além da linguagem significante” (Wittgenstein, 2017, p. 79).

MATERIAIS E MÉTODOS

O método utilizado para a realização desta pesquisa é o de revisão bibliográfica. Quanto aos materiais para a coleta de dados e interpretação, este estudo baseia-se na análise da obra de Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921). Nessa obra, examinaram-se os principais conceitos do texto, como o de forma lógica. O segundo material primário submetido à análise foi a *Conferência Sobre Ética* proferida por Wittgenstein em 1929. Além disso, foram analisadas as principais diretivas da teoria do significado e da lógica tractariana, bem como suas influências de diversos autores dos campos da lógica, da linguagem e da ética, seguindo a proposta de Pinto (1998, p. 122).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visto que a definição de forma lógica e a concepção de lógica levam Wittgenstein a identificar que há algo que não pode ser dito, mas que, de alguma forma, pode ser mostrado, entendemos que há complementaridade — e não oposição — entre o “dizer” e o “mostrar”, seguindo a proposta de Rocha (2015, p. 42). Ambos os operadores são fundamentais para compreender tanto a lógica proposta quanto a ética almejada. Além disso, constata-se que o silêncio implicado pela lógica como lei estruturante é o silêncio que se encontra nas proposições éticas ou estéticas, seja pela impossibilidade lógica de sobressair do mundo, seja pelo querer ético estender-se para além dele (Micheletti, 2007, p. 68). O drama ético existe e evidencia, em ato, a estrutura do mundo e a estrutura do mundo existe e dramatiza o querer ético.

CONCLUSÕES

A análise realizada permitiu demonstrar que, no *Tractatus*, a forma lógica ocupa posição central para compreender a divisão entre o que pode ser dito e o que só pode ser mostrado. As proposições dotadas de sentido descrevem estados de coisas possíveis graças à estrutura lógica do mundo, determinada pela forma lógica. Esta, contudo, não pode ser dita: manifesta-se apenas no ato de mostrar, como condição transcendental de toda representação proposicional. Ao integrar “dizer” e “mostrar” como operadores complementares, evidenciou-se que a ética tractariana não se situa fora da arquitetura lógica, mas emerge de suas próprias fronteiras. Proposições éticas, ao tentar ultrapassar a estrutura lógica, revelam-se destituídas de sentido — não por irrelevância, mas por evidenciarem, no próprio fracasso, os limites do mundo e da linguagem. Essa leitura destaca a relevância filosófica do silêncio no *Tractatus*.

Ele não é mera abdicação discursiva, mas um ato revelador, que preserva a tensão entre o querer ético absoluto e a contingência do mundo. Com isso, a pesquisa contribui para o debate interpretativo ao propor que, em Wittgenstein, a lógica e a ética compartilham o mesmo fundamento formal, constituindo uma relação de reciprocidade que só pode ser plenamente compreendida quando “dizer” e “mostrar” são pensados em conjunto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, profundamente, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq, financiado pela Fundação Araucária da Universidade Estadual de Maringá, pela concessão das bolsas durante a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

CUTER, J. V. G. **A lógica do Tractatus. Manuscrito:** Revista internacional de filosofia. São Paulo: Campinas, v. 25, n. 1, p. 87–120, abr. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8644708>
Acesso em: 19 ago. 2025.

MICHELETTI, M. **Filosofia analítica da religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

PINTO, P. R. M. **Iniciação ao silêncio.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ROCHA, A. C. A. V. **Wittgenstein: o Tractatus e suas relações com a Conferência sobre Ética: uma leitura ética entre os anos de 1914-1929.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

WITTGENSTEIN, L. **Conferência sobre Ética.** Tradução de António Marques. Portugal: Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus.** Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.